DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NO ENSINO DE ALUNOS DISLÉXICOS

ANDREIA PIERRE MAGRINI DOS SANTOS

RESUMO

Este trabalho aborda a dislexia, um transtorno específico de aprendizagem que afeta principalmente a leitura, a escrita e a ortografia, independentemente do quociente de inteligência do indivíduo. Destaca-se que, apesar das dificuldades específicas, os alunos disléxicos possuem potencial intelectual preservado e podem desenvolver habilidades cognitivas e sociais quando recebem apoio adequado. O estudo enfatiza a importância do diagnóstico precoce, da compreensão das características da dislexia e da aplicação de estratégias pedagógicas diferenciadas, tanto na escola quanto no convívio familiar. Ressalta-se, ainda, o papel fundamental do educador como facilitador do aprendizado, incentivador da autoestima e promotor de um ambiente escolar inclusivo. A comunicação constante entre escola, família e profissionais especializados é essencial para garantir o desenvolvimento pleno do aluno disléxico, reforçando a importância da informação, da conscientização e da valorização das diferenças no contexto educacional.
PALAVRAS-CHAVE: Dislexia; Desafios; Intervenções.

INTRODUÇÃO

A leitura é uma habilidade complexa que envolve diversos processos cognitivos e linguísticos. Para indivíduos com dislexia, o aprendizado da leitura e da escrita apresenta desafios específicos, exigindo estratégias próprias de superação e maior esforço, apesar de seu potencial intelectual preservado. No discurso de pais e educadores, a dificuldade inesperada de leitura desses alunos frequentemente gera reações surpreendentes e rótulos inadequados, como leitura “abrupta”, “impensada” ou “incomum”. É fundamental separar o comportamento da leitura do perfil do leitor, evitando interpretações equivocadas.

A compreensão da dislexia requer conhecimento não apenas das manifestações comportamentais do aluno, mas também do funcionamento cerebral, das limitações cognitivas e das estratégias compensatórias que eles naturalmente desenvolvem. Nesse sentido, a psicologia cognitiva surge como uma aliada importante, oferecendo subsídios teóricos e práticos para intervenções pedagógicas e psicopedagógicas eficazes. O educador desempenha papel central nesse processo, criando ambientes de aprendizagem inclusivos, estimulantes e acolhedores, que valorizem o esforço, incentivem a autonomia e promovam a autoestima dos alunos disléxicos.

Além disso, a conscientização da comunidade educativa composta por professores, gestores, familiares e colegas de turma é essencial para que o aluno com dislexia seja apoiado de maneira adequada. A troca de informações, a participação em eventos de capacitação e a aplicação de estratégias pedagógicas diferenciadas garantem um ambiente escolar mais justo e acolhedor, possibilitando que cada criança ou adolescente se desenvolva de acordo com suas potencialidades e ritmos de aprendizagem.

DISLEXIA: DESAFIOS, INTERVENÇÕES E O PAPEL DA ESCOLA NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

No discurso dos pais e educadores, o “defeito inesperado” na leitura dos disléxicos, em geral, com quociente de inteligência acima da média, gera uma gama de reações inusitadas e, por isso, surgem diversos rótulos, dentro e fora da escola, do tipo: meu filho ou meu aluno tem uma leitura abrupta, acidental, brusca, casual, impensada, imprevisível, incalculada e incomum. Logo, de suma importância, se faz a separação entre os dois eventos. A leitura pode sim, carregar todas estas características; o leitor, não.

A leitura de um disléxico, com suas características, poderão ser assim percebidas pelos que estão ao seu redor, mas, sem dúvidas, eles, os disléxicos, já buscam diferentes

meios de compensações para superar suas dificuldades específicas, o que certamente exigirá dos que atuam no campo educacional, um princípio de tolerância no desenvolvimento da capacidade de aprender a ler, desses alunos especiais.

Dessa maneira, a leitura é uma habilidade complexa, que envolve múltiplos processos cognitivos e linguísticos. Para os indivíduos com dislexia, esse processo pode apresentar desafios específicos, exigindo deles esforço e estratégias próprias de superação. Compreender essas particularidades é fundamental para promover uma educação mais inclusiva e empática.

Um passo que ilumina a atuação dos professores, pais e dos próprios alunos, é conhecer o cérebro dos disléxicos. A Psicologia Cognitiva pode e deve ser uma grande aliada dos profissionais de educação que atuam na intervenção pedagógica (quando o método escolar de ensino de leitura falha) ou ainda, uma intervenção psicopedagógica, também não for suficiente (quando a criança apresenta, por exemplo, um déficit de memória ou falta de motivação para a leitura).

A psicologia cognitiva estuda a cognição, os processos mentais que estão por detrás do comportamento. É uma das disciplinas da ciência cognitiva. Esta área de investigação cobre diversos domínios, examinando questões sobre a memória, atenção, percepção, representação de conhecimento, raciocínio, criatividade e resolução de problemas. (VASCONCELLOS, 2004, p. 449)

Os disléxicos por sua vez, dão aos professores, seus grandes observadores; os primeiros indícios de suas dificuldades leitoras, escritoras e ortográficas, ao não
conseguirem, inesperadamente, depois de tantos anos de bancos escolares, a automatização leitora, fracassando na hora de ler um texto em voz alta ou de soletrar algumas palavras não familiares.

Em geral, diante disso, acabam perdendo um tempo precioso na leitura eficaz ao se concentrarem no tratamento das letras que constituem as palavras, a fim de decodificá-las para não errar, o que acaba por conduzir a leitura de forma dolorosa, lenta e analítica.

Em síntese, os disléxicos necessitam que as intervenções, das pessoas que o rodeiam, educadores e familiares; sejam sensíveis, pacientes e encorajadoras. E que os profissionais, que realmente tenham interesse de ensinar crianças, jovens ou adultos inteligentes e interessados em aprender, mas com necessidades educacionais especiais; estejam abertos a entender a dislexia como dificuldade, e não como patologia, por exemplo.

A dislexia, como dificuldade de aprendizagem, geralmente é identificada na educação escolar, e é um distúrbio de leitura e de escrita que ocorre na educação infantil e no ensino fundamental. Em geral, a criança tem dificuldade em aprender a ler e escrever e, especialmente, em escrever corretamente sem erros de ortografia, mesmo tendo o quociente de inteligência (QI) acima da média.

Além do QI acima da média, o psicólogo Jesus Nicasio García, assinala que devem ser excluídas do diagnóstico do transtorno da leitura as crianças com deficiência mental, com escolarização escassa ou inadequada e com déficits auditivos ou visuais (1998, p. 144).

No Brasil, a maioria das escolas não dá suporte adequado a crianças e adolecentes com dislexia, algumas nem ao menos têm conhecimento do problema, tais alunos são tratados como os normais, e o possível baixo rendimento não é associado s consequências do distúrbio, e sim ao baixo rendimento escolar individual ou à indisciplna. Em Portugal, por sua vez, a maioria das escolas tem aulas especiais de apoio para crianças com dislexia, ainda haja, muitas vezes, dificuldade em identificar o distúrbio.

Neste contexto, o educador deve estar sempre aberto para lidar com as diferenças, e como Frederic Litto, da Escola do Futuro da USP coloca, deve ser um estimulador do prazer de aprender, um alquimista em fazer o aluno enxergar o “contexto” e o “sentido” e, um especialista em despertar a autoestima.

Para que isto ocorra, o educador deve ainda, transformar a sala de aula em uma “oficina”, preparada para exercitar o raciocínio, isto é, onde os alunos possam aprender a serem

objetivos, a mostrar liderança, resolver conflitos de opinião, a chegar a um denominador comum e obter uma ação construtiva. Sob este prisma, a interação com o aluno disléxico torna-se facilitada, pois, apesar do distúrbio de linguagem, este aluno apresenta potencial intelectual e cognitivo preservado; desta maneira estará sendo estimulado e respeitado, além de se favorecer um melhor desempenho.

Nessa "oficina", o professor incentiva os alunos a desenvolverem diversas habilidades importantes, como a objetividade ao se expressar, a capacidade de ouvir o outro, o exercício da liderança, a resolução de conflitos de opinião e a busca por um consenso que leve a uma ação construtiva. Assim, a sala de aula deixa de ser apenas um local de transmissão de conteúdos e passa a ser um espaço de experimentação, reflexão e crescimento coletivo.

Sob esse ponto de vista, o relacionamento entre o professor e o aluno disléxico se torna mais fácil e proveitoso. Quando o educador compreende as características da dislexia e adota estratégias diferenciadas de ensino, o aluno sente-se mais confiante e motivado a participar. Apesar das dificuldades específicas na leitura e na escrita, o disléxico tem sua inteligência e suas capacidades cognitivas preservadas. Por isso, com o apoio adequado e uma atitude acolhedora por parte do professor, ele pode se desenvolver plenamente e mostrar todo o seu potencial.

Desse modo, o papel do educador vai muito além de ensinar conteúdos. Ele se torna um facilitador do aprendizado e um incentivador da autonomia e da autoestima dos alunos. Ao criar um ambiente de respeito, compreensão e valorização das diferenças, o professor ajuda cada estudante, inclusive o disléxico, a descobrir seu próprio jeito de aprender e a perceber que é capaz de superar desafios e conquistar bons resultados.

É importante manter a comunidade educativa permanentemente informada a respeito da dislexia. Informações sobre eventos que tratam do assunto e seus resultados, desempenho dos alunos portadores da dislexia, características desse distúrbio de aprendizagem, maneiras de ajudar o aluno disléxico na escola, etc.

Ou seja, manter a comunidade educativa permanentemente informada sobre a dislexia é uma tarefa essencial para garantir uma educação realmente inclusiva e justa. Quando professores, gestores, pais e colegas de turma conhecem melhor o que é a dislexia e compreendem suas implicações, é possível criar um ambiente escolar mais acolhedor, empático e preparado para atender às necessidades de todos os alunos. A informação é, portanto, o primeiro passo para a inclusão e o respeito às diferenças.

A dislexia é um transtorno específico de aprendizagem que afeta principalmente as habilidades de leitura, escrita e, em alguns casos, de ortografia. Ela não está relacionada à falta de inteligência, preguiça ou desinteresse, trata-se de uma forma diferente de o cérebro processar as informações linguísticas. Por isso, muitos alunos disléxicos apresentam grande criatividade, pensamento lógico apurado e boa capacidade de raciocínio, ainda que enfrentem desafios para decodificar palavras ou compreender textos com fluência.

Diante disso, é fundamental que a escola promova ações contínuas de conscientização sobre o tema. Essas ações podem incluir palestras, roda de conversa, formações pedagógicas e campanhas informativas destinadas a professores, alunos e famílias. O objetivo é disseminar o conhecimento sobre o que é a dislexia, quais são suas principais características e, principalmente, quais são as estratégias mais eficazes para apoiar o aluno disléxico no ambiente escolar.

Além disso, a divulgação de informações sobre eventos, seminários e encontros que tratam do assunto é uma forma importante de manter a equipe escolar atualizada. Esses espaços de troca permitem que professores compartilhem experiências, aprendam novas práticas pedagógicas e conheçam resultados de pesquisas recentes sobre o tema. Essa atualização constante fortalece a prática docente e contribui para um olhar mais sensível e embasado em relação à diversidade de aprendizes presentes na sala de aula.

Outro aspecto relevante é acompanhar e divulgar, dentro da comunidade escolar, o desempenho e o progresso dos alunos com dislexia, sempre respeitando sua indi-

vidualidade e sem expô-los a comparações inadequadas. Ao valorizar os avanços, por menores que pareçam, o educador reforça a autoestima do aluno e incentiva a continuidade de seu esforço. Essa postura positiva também ajuda os colegas de turma a compreenderem que cada pessoa aprende em um ritmo próprio e que o sucesso escolar não se mede apenas pela rapidez na leitura ou pela perfeição na escrita.

A escola pode ainda desenvolver materiais informativos, como cartazes, folhetos ou conteúdos digitais, que expliquem de maneira simples e acessível o que é a dislexia e como é possível ajudar. Tais recursos podem orientar pais e familiares sobre como apoiar o processo de aprendizagem em casa, com atitudes de incentivo, paciência e reconhecimento dos esforços do aluno. Essa parceria entre escola e família é indispensável para o progresso do estudante disléxico.

Para os professores, é importante conhecer estratégias práticas de ensino que facilitem a aprendizagem dos alunos com dislexia. Entre elas estão o uso de recursos visuais e auditivos, a leitura compartilhada, a oferta de tempo adicional para a realização das atividades e a valorização do conteúdo compreendido, e não apenas da forma escrita. Adaptações simples, como o uso de textos ampliados, a leitura oral de enunciados ou a utilização de tecnologias assistivas, podem fazer uma grande diferença no desempenho e na autoconfiança desses alunos.

Sob esse ponto de vista, a comunicação aberta e constante entre todos os membros da comunidade educativa, professores, orientadores, pais e alunos, é essencial. Quando todos compartilham informações e se apóiam mutuamente, o ambiente escolar se transforma em um espaço de cooperação e acolhimento. Isso não apenas beneficia os alunos com dislexia, mas também promove uma cultura escolar mais inclusiva e solidária para todos.

Diante do exposto, informar, conscientizar e formar a comunidade educativa sobre a dislexia é uma ação que ultrapassa o simples ato de transmitir conhecimento. Trata-se de construir uma rede de apoio e compreensão que permite ao aluno disléxico desenvolver-se com segurança, autonomia e alegria. Quando o educador se compromete com essa missão e a escola valoriza a diversidade, todos crescem, o aluno, o professor e a instituição. Afinal, uma educação de qualidade é aquela que reconhece, respeita e acolhe as diferenças humanas, transformando-as em oportunidades de aprendizado e empatia.

Não é necessário que alunos disléxicos fiquem em classe especial. Alunos disléxicos têm muito a oferecer para os colegas e muito a receber deles. Essa troca de humores e de saberes, além de afetos, competências e habilidades só faz crescer amizade, a cooperação e a solidariedade.

O diagnóstico de dislexia é um passo fundamental para o desenvolvimento educacional e pessoal do aluno. Ele não deve ser visto como um rótulo ou uma limitação, mas sim como uma ferramenta de compreensão e de orientação. A partir desse diagnóstico, torna-se possível definir estratégias adequadas de ensino e buscar o apoio de diferentes profissionais que podem contribuir para o processo de aprendizagem.

Sempre que um aluno recebe o diagnóstico de dislexia, há uma recomendação de acompanhamento específico em uma ou mais áreas, como fonoaudiologia, psicopedagogia, psicologia, neurologia ou terapia ocupacional, dependendo do tipo e do grau da dislexia constatado. Cada um desses profissionais tem um papel essencial na estimulação das habilidades que se mostram mais fragilizada. O fonoaudiólogo, por exemplo, atua na área da linguagem e da leitura; o psicopedagogo auxilia no desenvolvimento de estratégias de aprendizagem; o psicólogo trabalha o aspecto emocional, fortalecendo a autoestima e a confiança do aluno diante dos desafios escolares.

Com base nisso, é fundamental que a escola mantenha uma comunicação constante e efetiva com os profissionais envolvidos no acompanhamento do aluno disléxico. Essa troca de informações e experiências permite um trabalho integrado e coerente, em que todos os que participam do processo educativo caminham na mesma direção. A escola deve se colocar como parceira ativa, aberta ao diálogo e comprometida em implementar as orientações que favoreçam o aprendizado e o bem-estar do estudante.

Além da comunicação com especialistas, é importante que o corpo docente receba formações e orientações sobre a dislexia. Quando o educador compreende as características do transtorno e reconhece que ele não é sinônimo de incapacidade, sua postura em sala de aula se transforma. O professor passa a enxergar o aluno disléxico como alguém que aprende de forma diferente, e não como alguém que "não aprende". Essa mudança de olhar é essencial para que o aluno se sinta aceito, valorizado e capaz de progredir.

Um aspecto importante a ser considerado é o modo como o aluno disléxico processa as informações. De modo geral, ele tende a lidar melhor com as partes isoladas do que com o todo, o que significa que as abordagens globais ou dedutivas, aquelas que partem do geral para o específico, costumam ser mais difíceis para ele compreender. Por essa razão, o ensino deve privilegiar métodos analíticos e progressivos, em que o conteúdo é apresentado passo a passo, de maneira clara e estruturada.

Por exemplo, ao ensinar leitura e escrita, é mais eficaz começar com o reconhecimento dos sons e das letras (consciência fonológica), para depois unir esses elementos na formação de sílabas e palavras, e só então chegar à compreensão de textos maiores. Essa sequência lógica ajuda o aluno a construir o conhecimento gradualmente, sem sobrecarga cognitiva e com mais segurança.

Do mesmo modo, em disciplina como Matemática é importante que o professor apresente os conceitos de forma concreta e visual, utilizando materiais de apoio, jogos, ilustrações e situações práticas do cotidiano. Ao compreender cada parte do processo, o aluno consegue entender o todo de forma mais significativa e duradoura.

Outro ponto essencial é o uso de recursos e ferramentas de apoio, que devem ser vistos como aliados no processo de ensino e aprendizagem, e não como facilidades indevidas. O educador deve permitir e até incentivar o uso de gravadores, calculadoras, tabuadas, aplicativos de leitura e escrita, softwares educativos e recursos de informática. Esses instrumentos podem ajudar o aluno a compensar suas dificuldades, ampliar sua autonomia e participar de forma mais ativa das atividades escolares.

O gravador, por exemplo, é um excelente recurso para que o aluno possa registrar explicações e revisá-las posteriormente, sem depender exclusivamente da cópia escrita. A calculadora pode auxiliar na resolução de operações que exigem agilidade numérica, permitindo que ele se concentre no raciocínio lógico. Já os recursos digitais, como leitores de texto e programas que transformam fala em escrita, tornam o aprendizado mais acessível e menos cansativo.

O professor também pode desenvolver estratégias diferenciadas de avaliação, considerando o esforço, a compreensão e o progresso do aluno, e não apenas a forma ortográfica ou a velocidade de leitura. Avaliações orais, trabalhos em grupo e projetos práticos são excelentes maneiras de observar o verdadeiro potencial do estudante disléxico.

Além do uso de ferramentas e adaptações pedagógicas, é essencial cultivar um ambiente emocionalmente seguro e acolhedor. A dislexia, muitas vezes, pode causar frustrações, sentimentos de inadequação e baixa autoestima, principalmente se o aluno for constantemente comparado aos colegas. Cabe ao educador promover um clima de respeito e empatia, em que o erro seja entendido como parte natural do processo de aprendizagem. O elogio aos avanços, por menores que sejam, tem um impacto profundo no desenvolvimento emocional e acadêmico desses alunos.

A parceria entre escola, família e profissionais especializados é o alicerce desse processo. Quando todos trabalham de forma conjunta, as dificuldades são enfrentadas com mais tranquilidade e os resultados aparecem de forma gradual, mas consistente. A escola deve manter uma comunicação aberta com os pais, compartilhando progressos, desafios e estratégias que possam ser reforçadas em casa.

Nesse sentido, o diagnóstico de dislexia não é um obstáculo, mas sim um ponto de partida para o desenvolvimento integral do aluno. Ele permite que professores e profissionais compreendam melhor suas necessidades, ajustem métodos e ofereçam

o suporte necessário para que o estudante avance com confiança. O papel da escola, portanto, é o de acolher, adaptar e estimular, garantindo que o aluno disléxico tenha as mesmas oportunidades de sucesso que qualquer outro.

Ao reconhecer e respeitar as diferenças, o educador cumpre uma de suas missões mais nobres: transformar a sala de aula em um espaço de possibilidades, onde cada aluno é valorizado por suas habilidades e incentivado a superar suas dificuldades. A dislexia, quando compreendida e tratada com sensibilidade, não limita o aprendizado, ela apenas mostra que há muitos caminhos possíveis para se chegar ao conhecimento.

Vale destacar que o diagnóstico de dislexia traz sempre indicação para acompanhamento específico em uma ou mais áreas profissionais (fonoaudiologia, psicopedagogia, psicologia...), de acordo com o tipo e nível de dislexia constatado. Assim sendo, a escola precisa assegurar, desde logo, os canais de comunicação com profissionais envolvidos, tendo em vista a troca de experiências e de informações.

O aluno disléxico tende a lidar melhor com as partes do que com o todo, logo, abordagens e métodos globais e dedutivos são de difícil compreensão para ele. Apresente-lhe o conhecimento em partes, de maneira dedutiva. Portanto, o educador deve permitir e estimular o uso de gravador, tabuada, máquina de calcular, recursos da informática, afim de facilitar o processo de ensino e aprendizagem.

Os professores que trabalham com a classe desse aluno devem saber da existência do quadro de dislexia. Quanto aos colegas, o critério é do aluno: se ele quiser contar para os companheiros que o faça.

O que justifica este trabalho é o interesse pelas dificuldades de aprendizado, em especial a Dislexia e a necessidade de um diagnóstico específico para as crianças que apresentem este distúrbio; e apartir de então, a necessidade de encontrar formas de trabalhar com elas para que tenham sucesso em sua aprendizagem.

Segundo explica a psicopedagoga Maria Ângela Nogueira, da ABD (Associação Brasileira de Dislexia), os estudos acerca da Dislexia e a aquisição de informações, estão permitindo cada vez mais aos especialistas que desenvolvam um outro olhar sobre o assunto, focados em dados concretos lapidados pela ciência. Possibilitando, por exemplo, a identificação do transtorno nos primeiros anos de vida.

Cabe citar que apesar dos avanços no conhecimento do transtorno, ainda é preciso vencer a barreira da desinformação, particularmente entre os educadores. O discurso dos gestores da educação é de uma educação com qualidade, todas as crianças alfabetizadas apartir dos seis anos de idade, no entanto as crianças que apresentam dificuldade em leitura não conseguirão aprendera ler, a escrever, a produzir um texto, colocar suas ideias no papel, ler com fluência como as outras crianças.

E é o professor que convive com seus alunos durante os momentos de aprendizagem sendo, pois, mediador entre a identificação de uma criança que apresenta indícios de dislexia e o encaminhamento para os profissionais, a fim de fazer o diagnóstico rapidamente.

O ideal é que a partir do momento que é detectado algum indício de dislexia, desde a educação infantil ou durante a primeira fase do ensino fundamental, seja feita uma avaliação para comprovar se a criança é disléxica, pois o diagnostico precoce é imprescindível para o desenvolvimento contínuo de crianças disléxicas. Reconhecer as características é o primeiro passo para que se possam assim, evitar longos e dolorosos anos de grandes dificuldades e sofrimentos, que acabem induzindo esta criança, fatalmente ao desinteresse e total aversão pela escola e por tudo o que está em torno dela.

Gerando às vezes quadros de "quase fobias", em relação às tarefas que exijam delas, a leitura e/ou a escrita.

Dessa maneira, é imprescindível que, a partir do momento em que surgem os primeiros indícios de dislexia, seja ainda na educação infantil ou nos primeiros anos do ensino fundamental, a escola e a família estejam atentas e busquem imediatamente uma avaliação especializada. Essa avaliação tem o propósito de confirmar se realmente se

trata de dislexia e, em caso positivo, iniciar o quanto antes o acompanhamento adequado.

O diagnóstico precoce é um fator decisivo para o desenvolvimento contínuo e equilibrado da criança disléxica. Quando identificado cedo, o transtorno pode ser trabalhado com intervenções específicas, que ajudam a criança a compreender melhor o funcionamento da linguagem, desenvolver estratégias próprias de aprendizagem e, sobretudo, fortalecer sua autoestima. Assim, evita-se que dificuldades simples se transformem em barreiras emocionais ou cognitivas ao longo do tempo.

Reconhecer as características da dislexia é, portanto, o primeiro passo essencial para oferecer o apoio necessário. Professores, pais e profissionais da saúde precisam aprender a observar sinais como dificuldade para associar letras, sons, troca de sílabas, leitura lenta, inversões na escrita e desatenção aparente. Esses indícios, quando levados a sério desde cedo, podem orientar uma intervenção eficaz e transformadora.

Ignorar ou minimizar esses sinais pode trazer consequências dolorosas. Crianças disléxicas que não recebem o suporte adequado costumam enfrentar longos anos de frustração e sofrimento escolar, marcados por críticas, comparações injustas e sentimentos de incapacidade. Aos poucos, o fracasso repetido pode gerar desinteresse, insegurança e, em muitos casos, uma aversão profunda pela escola e pelo aprendizado. Essa trajetória, infelizmente comum, pode ser evitada com uma postura atenta, empática e preventiva por parte da escola e da família.

Por isso, cabe ao ambiente escolar assumir um papel ativo na identificação precoce das dificuldades de aprendizagem. Professores devem estar preparados para reconhecer as diferenças entre um simples atraso no processo de leitura e um possível quadro de dislexia. A escola, por sua vez, deve atuar como mediadora, orientando as famílias a buscar avaliação com profissionais especializados e oferecendo condições pedagógicas que favoreçam o progresso do aluno.

Por isso é importante diagnosticar, avaliar e tratar a dislexia, conhecer seu tipo, sua natureza; é um dever do Estado, como atesta a LDB 9.394/96, no artigo 4°, sendo um direito de todas as famílias com crianças disléxicas em idade escolar (MARTINS, 2009).

A grande polêmica acerca do tema Dislexia é por seu comprometimento neurológico, mas precisamos entender que pertencem à área da saúde apenas a causa e o diagnóstico. O reconhecimento das características precocemente, as consequências, as soluções e as adaptações pertencem à Educação.

Não existem disléxicos entre os analfabetos. É na sala de aula, que a Dislexia se faz presente, e o que é pior: de uma forma catastrófica e algumas vezes irreparável. Lugar este, onde as manifestações de decepção, desaprovação, de cólera, de ridicularização, de humilhação por parte dos grupos a que pertencem, afetam mortalmente a autoestima destas crianças. Por falta de conhecimento e preparo para lidar e reconhecer o distúrbio estas crianças são humilhadas em todos os sentidos e por todos os grupos em que está inserida: pelos pais, pelos irmãos, pelos colegas e até pelos professores.

Com sua autoestima extremamente abalada, elas certamente desenvolverão distúrbios de conduta: da agressividade à timidez intensa ou depressão, e daí para a marginalidade propriamente dita, para a delinquência, é apenas um passo. Isso indica um desajustamento social com graves consequências para a sociedade como um todo. Não existe orgulho nem satisfação em destacar-se na escola por problemas de aprendizagem, nem pelas notas baixas que venham receber.

As estatísticas indicam que de 15% a 30% das crianças em idade escolar sofrem com suas dificuldades acadêmicas, de 10 a 15% delas são disléxicas. É um índice muito alto, para continuarmos com os olhos fechados. Sem a assistência e o apoio necessários estas crianças desestimulam-se, perdem-se e por fim elas e suas famílias, após tanto sofrimento, acabam por desistirem.

Criança com dificuldades escolares seja qual for a raiz do problema, necessitam de educação, atenção e ensino diferenciados para que possam desenvolver suas habilidades, e quanto mais cedo for detectado o problema, melhores serão os resultados.

A dislexia não é um obstáculo intransponí-

vel, e sim um desafio que pode ser superado com conhecimento, compreensão e apoio contínuo. Quando diagnosticada e acompanhada desde cedo, a criança tem a chance de desenvolver suas potencialidades, encontrar prazer na leitura e descobrir maneiras próprias de aprender.

Portanto, reafirmar a importância da atenção, do acolhimento e da ação imediata. O olhar sensível e informado dos educadores pode mudar o destino de uma criança, transformando o que poderia ser uma trajetória de sofrimento em uma história de superação e sucesso. Afinal, mais do que ensinar a ler e escrever, educar é acreditar nas capacidades de cada aluno e oferecer os meios necessários para que ele alcance todo o seu potencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dislexia não deve ser encarada como um déficit de inteligência ou preguiça, mas como uma diferença no processamento da linguagem que requer compreensão, apoio e estratégias pedagógicas específicas. O diagnóstico precoce é fundamental para que as intervenções comecem no momento adequado, permitindo que o aluno supere as dificuldades iniciais e evite frustrações prolongadas, que podem gerar ansiedade ou até "quase fobias" em relação à leitura e à escrita.

O papel do educador vai muito além do ensino de conteúdos: ele deve criar uma sala de aula que funcione como uma "oficina de aprendizado", onde os alunos desenvolvam habilidades cognitivas, sociais e emocionais. A interação com alunos disléxicos deve ser marcada pela paciência, empatia e estímulo, reconhecendo que o potencial intelectual está preservado e que estratégias diferenciadas podem levar ao sucesso acadêmico e pessoal. Ferramentas como recursos tecnológicos, material visual, leitura compartilhada e tempo adicional para atividades são fundamentais para facilitar o aprendizado.

Manter a comunidade educativa informada e sensibilizada sobre a dislexia é igualmente essencial. Quando pais, professores e colegas compreendem o transtorno, tornam-se parceiros ativos no desenvolvimento do aluno, promovendo inclusão, cooperação e solidariedade. O acompanhamento de profissionais especializados, fonoaudiólogos, psicopedagogos, psicólogos, neurologistas ou terapeutas ocupacionais, contribuem de forma decisiva para fortalecer habilidades linguísticas, cognitivas e emocionais, garantindo que o aluno disléxico se desenvolva de forma plena.

Em síntese, a dislexia é um desafio que pode ser transformado em oportunidade quando há compreensão, preparo e empatia. A escola inclusiva não apenas transmite conhecimentos, mas forma cidadãos capazes de lidar com suas diferenças, reconhecer suas potencialidades e valorizar o esforço próprio e alheio. Com diagnósticos precoces, estratégias pedagógicas adequadas e um ambiente de apoio, os alunos disléxicos podem superar suas dificuldades, desenvolver sua autoestima e alcançar resultados satisfatórios, tornando a aprendizagem um processo significativo e positivo para todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA (ABD). Apostila Ensinando Línguas a Disléxicos. São Paulo, 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA (ABD). Espaço dos Disléxicos, disponível em: <http://www.dislexia.org.br/>. Acesso em 12 de out de 2025. BRASIL. Lei nº 9.394/96,20 de dezembro de 1996. LDB (Lei de Diretrizes e Bases).

GARCIA, Jesus Nicaso. Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática; trad. De Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MARTINS, Vicente. Dislexias e os Estágios Cognitivos de Piaget. 2009. Mestrado em Educação. UFC. São Paulo.

VASCONCELLOS, SJL. Psicologia em Estudo – Uma Análise das Duas Revoluções Cognitivas, Maringá, v. 9, n. 3, p. 449-458, set./dez. 2004 disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=1413-7372> Acesso em 14 de out de 2025.